

PERFIL

Dos tempos da Escola Agrícola

Um dos mais antigos alunos da USP, Fernando Penteado Cardoso fala sobre sua trajetória acadêmica e profissional e de sua ligação com a Universidade

No último dia 19 de setembro, um dos mais antigos alunos graduados pela USP comemorou um fato marcante: completou 99 anos de vida, sendo que 77 de formado. Fernando Penteado Cardoso entrou na Universidade antes de ela ser fundada, em 1934. Graduou-se em 1936 pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq). Foi um dos destaques entre os formandos do curso de Engenharia Agrônoma naquele ano e recebeu o Prêmio Epitácio Pessoa, o primeiro de muitos que recebeu ao longo de sua vida, conferido ao melhor aluno da turma. “Isso me honra muito: primeiro colocado da turma. Dizem que, na história da Esalq, só dois alunos tiveram a média superior a nove em todas as matérias durante os quatro anos, e eu sou um deles”, orgulha-se. Tal mérito o acompanhou em toda sua trajetória profissional e Cardoso é, hoje, reconhecido por sua contribuição ao agronegócio brasileiro, principalmente quando o tema é agricultura sustentável.

Cardoso já era aluno da Esalq quando as primeiras informações sobre a criação da USP – que no próximo ano completará 80 anos de fundação – chegaram àquele que seria um dos principais campi da nova Universidade, em Piracicaba. O ano era 1933. “Isso trouxe, para os estudantes, um grande entusiasmo, por vários motivos. A gente sentia que a Universidade era mais importante do que uma faculdade isolada”, conta.

A memória impecável de Cardoso lembra que as notícias chegavam pelos jornais e pelo rádio. Ainda não havia TV. “Quando veio a oficialização, em janeiro de 1934, ainda estávamos em férias. No nosso entender de estudante, entrar para a USP engrandeceu a Escola Agrícola”, relembra.

Empresário – Depois de formado, Cardoso trabalhou durante

quatro anos como funcionário público na seção de Fruticultura da Secretaria Estadual de Agricultura. Nesse período, teve a oportunidade de ficar dez meses nos Estados Unidos, onde fez estudos e pesquisas na área de citricultura. É dessa época, aliás, um artigo que lhe rendeu uma homenagem recente, concedida pelo Centro de Citricultura Sylvio Moreira, no mês de julho, na cidade de Cordeirópolis, no interior do Estado de São Paulo. “O trabalho era considerado bom, mas não deu muito íbope na época não, agora redescobriram e... puxa vida”, diz, surpreso e modesto.

Cardoso é fundador do Grupo Manah, aquela do famoso slogan “Com Manah, adubando dá!”, do qual também é o autor. Incansável, não se exime de contar a história da empresa. “Quando eu me desiludi, até certo ponto, com o serviço público, fui administrar a fazenda da família, em 1941. Terras antigas, cansadas, precisavam de fertilizante. Não tinha adubo importado, porque os alemães não deixavam, era época de guerra. Então, a gente se virava com cinzas – cinza de café, com alto teor de potássio e de farelo de algodão, rica em fósforo. Conseguimos fazer uma mistura que teve sucesso, pensando nas necessidades da fazenda que eu administrava. De repente, a fazenda se satisfiz de estoques para dois anos e o fornecedor de cinzas me perguntou: ‘Eu tenho mais um vagão, você não quer?’. Na hora, disse: ‘Pode mandar’. Vocei para a cidade, aluguei um armazém, descarreguei

o vagão, instalei um pequeno moimho, deixei os operários lá e fui me

casar”, diverte-se. Do pequeno armazém, a Manah se tornou a segunda maior empresa de fertilizantes do País, tendo Cardoso à frente de sua gestão por mais de 50 anos.

Pesquisa – Começando na academia, passando pelo trabalho na Secretaria de Agricultura até a administração da Manah, a pesquisa sempre permeou os caminhos de Cardoso. Ainda na Manah, surgiu a ideia de financiar pesquisas sobre a movimentação dos adubos no solo, o que acabou se tornando um investimento contínuo da empresa. “Após a venda da Manah, convidei meus filhos a investirem recursos em uma fundação que desse continuidade a esse trabalho. Eles toparam na hora e fundamos a Agrisus, Agricultura Sustentável”, explica.

A Agrisus, que mantém convênio com a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), ligada à Esalq, foi criada em 2001 e, conforme consta em seu site, tem por objetivo “promover a educação acadêmica e profissional visando à sustentabilidade da agricultura e pecuária tropicais, assegurada pela conservação e melhoria do solo e do meio ambiente, apoiados por tecnologia apropriada”.

A propósito, quando o assunto é agricultura sustentável, Cardoso diz que testemunhou o que ele considera as duas mais importantes revoluções da agronomia no País: novos processos de conservação de solo, principalmente a tecnologia do plantio direto, e os transgênicos.

“A química agrícola inventou os herbicidas e permitiu combater as ervas daninhas quimicamente e não mecanicamente. Isso fez uma diferença fantástica, você poder manter e melhorar a fertilidade inicial e conservá-la. O segundo grande evento está no seu limiar, que são os transgênicos. Hoje já se obtêm reflexos importantes sob aspecto econômico, plantas que não dão essa e aquela doença, que repelem esse e aquele inseto e plantas que resistem aos herbicidas”, considera.



Fotos Arquivo Pessoal

O professor Fernando Penteado Cardoso em 1936, quando se formou na Esalq (ao lado), e em 2009, com a então reitora Suely Vilela, ao ser homenageado em sessão solene do Conselho Universitário que comemorou os 75 anos da USP (abaixo): “a Escola Agrícola é um templo”



Ao falar de transgênicos, Cardoso cita o Prêmio Nobel da Paz, em 1970, Norman Borlaug, conhecido como o “pai da revolução verde”. “Borlaug dizia: ‘Toda fantasia é permitida em matéria de transgênico’”.

A propósito de Borlaug, a ligação dos dois vem de longa data. “No ano de 1995, ele escreveu um artigo sobre o cerrado brasileiro. Eu li o artigo, traduzi para o português e publicamos em nome da Manah. Mas, no artigo, faltava alguma coisa prática. Eu me comuniquei com ele, convidei-o para vir ao Brasil, para ‘amassar o barro’ e aprender direito o que era o cerrado”, brinca. Borlaug não só veio ao País, como passou 15 dias com Cardoso, com quem teve a oportunidade de viajar para o Mato Grosso.

Coisa rara – Este ano, Cardoso completa 77 anos de formado, com a mesma disposição daquele jovem que acabara de concluir seus estudos, em 1936. Foi o que pode aconselhar para os novos engenheiros agrônomos que se formam anualmente na Esalq? “O que eu senti a vida toda: tenha amor à profissão, tenha amor

à agronomia, dedique-se a ela não só por obrigação, como ganha-pão, mas com gosto, com prazer, para se sentir realizado. As possibilidades, hoje, são muito maiores do que antes. O tamanho da agricultura do Brasil justifica uma carreira. A agricultura vai crescer muito daqui para o futuro. Tem uma porção de razões, mas eu vou dar uma só: aqui chove. É muito mais importante do que parece. Aqui, você vai dormir e Deus manda a irrigação durante a noite. E tem território para receber essa chuva e brasileiro para trabalhar”, acredita.

Regularmente, Cardoso é convidado da Esalq para as comemorações institucionais da escola, das quais participa sempre com muita alegria: “Costumo dizer que a Escola Agrícola é um templo, onde nós retornamos para renovar conhecimentos, rever amigos e matar a saudade. É assim que eu falo da nossa escola. Rever amigos, infelizmente, não tenho mais nenhum da época, os da minha turma já se foram todos e eu tenho a sorte de estar por aqui ainda, poder fazer este depoimento para vocês. Mas eu sou coisa rara, viu?”.

